

## A “máquina” como instrumento de controle na sociedade tecnológica – Herbert

### Marcuse crítico da tecnologia<sup>1</sup>

PISANI, Marília M.

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Programa de Pós Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências

#### **Introdução:**

No mesmo ano em que conclui o seu primeiro livro em inglês, “Razão e Revolução”, Marcuse também publica o texto “Algumas Implicação Sociais da Tecnologia Moderna”<sup>2</sup> (AISTM). O texto trata de seu primeiro estudo sobre o tema da técnica e da crítica da tecnologia. Marcuse, que vivia neste período em exílio nos Estados Unidos, absorveu completamente as pesquisas americanas em seu texto, fazendo uso de um material extremamente rico de pesquisas e relatórios, documentos do governo e monografias sobre o tema da tecnologia. No texto ele analisa como o desenvolvimento das forças produtivas e a introdução da maquinaria modificou o processo de trabalho, criando um *novo indivíduo* e uma *nova sociedade*. Marcuse procura mostrar que “*a tecnologia está criando novas formas de sociedade e cultura com novas formas de controle social*” (Keller, 1999: 18)<sup>3</sup>.

O texto descreve o processo de constituição da “sociedade tecnológica” nos seguintes termos: “o princípio da eficiência competitiva favorece as empresas com o equipamento industrial mais altamente mecanizado e racionalizado” – “*o poder tecnológico tende à concentração do poder econômico*”. Grandes conglomerados de empresas e impérios industriais são formados produzindo enormes quantidades de mercadorias, controlando todas as fases da produção da mercadoria, da matéria-prima à distribuição. Nesse contexto a “técnica” coloca seu poder à disposição das grandes empresas, “criando novas ferramentas, novos processos e produtos” – ocorre uma “coordenação radical” para “a eliminação de todo desperdício e aumento da eficiência” (Marcuse, 1999: 76-7, grifo meu).

Marcuse procura mostrar como essas mudanças na composição técnica do capital, mudanças possibilitadas pelo avanço tecnológico direcionado pelos monopólios industriais, acabam por produzir simultaneamente uma *nova atitude e um novo comportamento* por parte dos indivíduos que vivem sob seu domínio – ou seja, ele procura mostrar como que a “técnica” transforma-se, no capitalismo monopolista, em “tecnologia”, em um processo social que abrange todas as esferas da

<sup>1</sup> Texto apresentado no “Congresso Internacional Indústria Cultural Hoje”, realizado na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), nos dias 29 de agosto a 1 de setembro de 2006.

<sup>2</sup> Marcuse. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, In *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 71-104.

<sup>3</sup> Kellner, D. O Marcuse desconhecido: novas descobertas nos arquivos. In Marcuse, *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 15-18.

vida e da sociedade. Segundo Marcuse, “*quando a técnica se torna a forma universal da produção material, ela circunscreve uma cultura inteira – um ‘mundo’*” (1969: 150).

“*Sob estas circunstâncias, a utilização lucrativa do aparato dita em larga escala a quantidade, a forma e o tipo de mercadorias a serem produzidas e, através deste modo de produção e distribuição, o poder tecnológico do aparato afeta toda a racionalidade daqueles a quem serve*” (Marcuse, 1999: 77).

Esta perspectiva de apresentação de como as inovações tecnológicas na esfera produtiva afetam toda uma sociedade também é característica de “O Homem Unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada”, de 1964 (título do original em inglês). A racionalidade do processo produtivo que se dá no interior da fábrica se expande para todo o resto – a sociedade torna-se uma imensa fábrica, com uma organização e coordenação eficaz e produtiva. Marcuse pensa na racionalidade como “racionalidade tecnológica” e esta explica a contenção da transformação social assim como seu caráter totalitário.

Para esta exposição utilizaremos estes dois textos sobre a tecnologia, o de 1941 (AISTM) e o de 1964 (HU), buscando neles elementos para compreender a crítica da técnica e da tecnologia em Marcuse, que se dá por meio da focalização do processo produtivo e a conseqüente formação uma nova sociedade. Ao dirigirmos nossa atenção ao modo como ele compreende a “máquina” poderemos abranger estas duas perspectivas.

No texto “Ideologia, Tecnologia e Grande Recusa: a atualidade de Marcuse”, Maar se refere a este caráter peculiar da crítica da tecnologia de Marcuse. Segundo ele, em Marcuse, assim como em Marx, Adorno e Horkheimer, a “*crítica da alienação e da reificação ideológica* depende da focalização do *processo de produção material da sociedade*”. Desta forma, Marcuse estaria se baseando na descrição do movimento da sociedade capitalista tal como fora retratado por Marx no “*Capítulo VI – inédito – de ‘O Capital’*”, onde ele assinala que “os economistas haviam elucidado os modos pelos quais se produz “na” sociedade, mas não haviam apreendido como se produz “a” sociedade”. É justamente essa “produção da sociedade” que seria responsável pela “contenção da transformação”, pela produção da “sociedade sem oposição”, a que se refere Marcuse em “O Homem Unidimensional”.

Para o autor é significativo que o livro de Marcuse “O Homem Unidimensional” se divide precisamente em duas partes: a “Sociedade unidimensional” e o “Pensamento unidimensional”, “*mostrando a gênese da cultura, [a gênese] do pensamento, no âmbito do processo de produção material (...)*”. Justamente por esse motivo, o primeiro capítulo do livro, “As novas formas de controle”, trata da “automação tecnológica do processo produtivo”, “das modificações tecnológicas introduzidas no meio de trabalho e nos instrumentos de trabalho”. Neste sentido, ele afirma que “A Ideologia da sociedade industrial avançada” (título da tradução brasileira) tem como referencial a

argumentação desenvolvida na “Ideologia alemã”. A seguinte citação da obra de Marx deve elucidar esta característica:

*“A produção de idéias, de representações, da consciência, está ..., diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. (...) parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo. (...) os homens, ao desenvolverem sua produção material, transformam também, juntamente com a realidade, seu próprio pensar... Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.* (Marx, 1996: 35-7)

O indivíduo que vive na “era da máquina”, termo emprestado do historiador da tecnologia Lewis Mumford (1898-1990), subordina sua vida às determinações do aparato industrial. O “processo da máquina” modifica a atitude intelectual e espiritual do trabalhador e a nova atitude “diferencia-se do resto pela submissão altamente racional que caracteriza”; “os fatos que dirigem o pensamento e ação dos homens ... são os fatos do processo da máquina” (1999: 79) – “*a mecânica da submissão propaga-se da ordem tecnológica para a ordem social*”, governando “o desempenho não apenas nas fábricas e lojas mas também nos escritórios, escolas, juntas legislativas e, finalmente, na esfera do descanso e do lazer” (1999: 82, grifo meu). Neste contexto “o comportamento humano se reveste do processo da máquina” – “*tudo contribui para transformar os instintos, desejos e pensamentos humanos em canais que alimentam o aparato*” (1999: 81, grifo meu). A “máquina” aparece como o instrumento privilegiado de coordenação política na sociedade tecnológica.

A concepção da “máquina” como instrumento de uma nova forma de controle e coesão social – ou, nos termos do ensaio sobre Weber, “Industrialização e capitalismo na obra de Max Weber” (de 1964), a “máquina” como “espírito coagulado”, dominação dos homens sobre os homens – é um elemento fundamental do argumento de Marcuse, que já aparece desenvolvido no texto de 1941 e seria retomado em “O Homem Unidimensional”. Essa análise possibilita a Marcuse desvendar a “dimensão subjetiva da dominação objetiva”. A tese de que a mudança nos instrumentos básicos de produção “modifica a atitude e a condição do explorado” toca na dimensão psicológica e biológica do capitalismo – neste contexto Marcuse utiliza, entre outros, algumas idéias do filósofo da tecnologia Gilbert Simondon (1924-1989), desenvolvidas em “*Du mode d’existence des objets techniques*” (de 1958)<sup>4</sup>. Uma abordagem do processo de trabalho sob o capitalismo avançado é o ponto central que permite compreender como que a dominação objetiva se transforma em manipulação subjetiva. Vejamos como isso ocorre.

---

<sup>4</sup> Não foi possível preparar uma exposição do pensamento de Simondon para esta ocasião (tal como havíamos proposto no resumo). Iremos fazê-lo para a comunicação a ser apresentada no dia 1 de setembro de 2006 no Congresso Internacional “Indústria Cultural Hoje”.

### **A “máquina” como um eficaz instrumento de controle na sociedade industrial avançada:**

Dissemos no início do capítulo que Marcuse foi influenciado por uma série de pesquisas, relatórios e documentos sobre o tema da técnica e da tecnologia. Apresentaremos agora algumas das idéias incorporadas por Marcuse no que se refere ao modo como a “máquina” afeta e modifica a pessoa e toda uma sociedade. Extrairemos desses autores apenas os elementos que auxiliem em uma melhor compreensão do nosso tema.

Em AISTM, Marcuse afirma que um dos primeiros teóricos a perceber que a nova atitude e comportamento provinha do processo da máquina e se estendia para toda a sociedade foi Thorstein Veblen. Em sua obra *“The Instinct of Workmanship”* (“habilidade do operário”), de 1922, Veblen caracteriza o *novo* indivíduo trabalhador da seguinte maneira:

*“A contribuição do operário que opera a indústria mecanizada é (tipicamente) a de um serviçal, de um assistente, cuja obrigação é manter seu ritmo afinado ao do processo da máquina e auxiliar, manipulando corretamente, os pontos onde o processo da máquina seja incorreto. Seu trabalho suplementa o processo da máquina ao invés de fazer uso dela. Ao contrário, o processo da máquina é que se utiliza do operário. O aparelho mecânico ideal neste sistema tecnológico é a máquina automática”* (apud. Marcuse, 1999: 78-9)

A centralidade do questionamento sobre a natureza da “máquina” no seio da sociedade também está presente em Lewis Mumford, que inicia o primeiro capítulo de seu livro *“Técnica e Civilização”*<sup>5</sup>, de 1934, com a questão “o que é uma máquina?”, diferenciando-a de uma “ferramenta” ou instrumento técnico – “a máquina” implica “todo um complexo tecnológico” (2002: 26-29).

Segundo este autor, o desenvolvimento das máquinas “modificou profundamente a base material e as formas culturais da civilização ocidental” (Mumford, 2002: 21). À diferença das épocas anteriores em que já existiam máquinas, na civilização moderna ela adquire um papel predominante – “o novo é o fato de que as suas funções tenham sido projetadas e incorporadas em formas organizadas que dominam cada aspecto de nossa existência” (idem: ibdem). Em sua leitura crítica da técnica moderna, ele afirma que a máquina possibilitou o solo propício para o crescimento do controle social estrito: “o processo social caminhou de mãos dadas com a nova ideologia e a nova técnica” (2002: 56):

*“Qualquer coisa que limite as ações e os movimentos dos seres humanos a seus elementos puramente mecânicos pertence à fisiologia, se não à mecânica, da idade da máquina”* (Mumford, 2002: 56) *“A mecânica se converteu na nova religião, e deu ao mundo um novo messias: a máquina”* (idem, ibdem: 60, grifo meu)

---

<sup>5</sup> Mumford, Lewis. *Técnica y Civilización*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

O indivíduo na “era da máquina” foi caracterizado por Mumdford como uma “personalidade objetiva”, alguém que subordina sua vida “a um mundo em que a máquina é o fator e ele o instrumento” – o termo é apropriado por Marcuse (Mumdford apud. Marcuse, 1999: 78). Ele chega a essa conclusão ao se colocar a seguinte questão: “Que tipo de homem surge de nossa técnica moderna?” (Mumdford, 2002: 381).

O “novo” indivíduo é consequência da introdução da maquinaria no processo de produção, isto é, de uma alteração no modo de trabalho. Este “novo” tipo de personalidade caracteriza-se por estar diretamente influenciada pelas situações objetivas e não mais pelas crenças (idem: 382): o autor diferencia a “personalidade objetiva”, característica dos tempos modernos, da “personalidade medieval”. As duas possuem normas externas de referências mas, enquanto o “homem medieval determina a realidade” de acordo com um “complexo tecido de crenças”, o “homem moderno” é “o árbitro final [de um] juízo [que] é sempre um conjunto de fatos” (idem: 382). Ele chama de *objetivas* aquelas “disposições e atitudes que estão de acordo com as ciências e a técnica” e ela só foi incrementada porque “representa uma indispensável *adaptação* ao funcionamento da máquina” (idem: 383-4, grifos meus). A nova objetividade traz consigo passividade e submissão. Para Mumdford ...

*“Na verdade, desde o princípio as conquistas mais duradouras da máquina residiram, não nos instrumentos mesmo, que de rapidamente ficaram antiquados, nem nos bens produzidos, que de imediato foram consumidos, mas nos modos de vida tornados possíveis graças à máquina e na máquina: o extravagante escravo mecânico [a máquina] era também um pedagogo”.* (Mumdford, 2002: 343)

Um dos elementos principais desta nova *objetividade* é o fato de que a “neutralidade” da ciência e da técnica se converteu em instrumento de adaptação e, portanto, de controle: para Mumdford a “grande contribuição da ciência analítica moderna” foi “a técnica de criação de um mundo neutro” – “o conceito de um mundo neutro ... é um dos grande triunfos da imaginação do homem” (idem: 383). (Esta crítica da neutralidade da ciência e da técnica aparece em Marcuse com mais ênfase a partir dos anos 60, uma vez que nos anos 40 ele mantinha a distinção entre técnica (neutra) e tecnologia (modo de produção que utiliza a técnica como meio de transformação): ao longo dos anos sua crítica da técnica e da tecnologia vai ficando cada vez mais “negativa”, a ponto de ele considerar insustentável a defesa da neutralidade. A recusa da neutralidade da técnica deve ser entendida no contexto, herança da “Dialética do Esclarecimento”, de uma crítica à própria ciência, uma vez que esta pressupõe uma relação de dominação e subjugação da natureza externa que possibilita o instrumental para a dominação do homem pelo homem. Assim como Mumdford, em 64 Marcuse vincula o estabelecimento da neutralidade da técnica a um sujeito histórico específico – é precisamente o caráter neutro que relaciona a objetividade a um sujeito histórico

específico. Neste contexto a neutralidade assume um caráter “positivo”: a racionalidade científica, “neutra”, favorece uma organização social específica).

Os trabalhos de Veblen e Mumford caracterizam o período de desenvolvimento das técnicas relativo aos 20/40 do século passado. Nos anos 60 Marcuse continua a incorporar uma série de novos estudos, trabalhos e pesquisas sobre a tecnologia e seu impacto na esfera da produção e do trabalho, isto é, as mudanças que a introdução das novas técnicas no processo de produção material da sociedade geraram no próprio indivíduo, na cultura e no pensamento: “Marcuse apresenta a *sociedade tecnológica* como um todo e não apenas uma reestruturação na esfera produtiva” (Maar, 2006)<sup>6</sup>. O livro “O Homem Unidimensional” é a síntese de suas reflexões desse período.

Em “O Homem Unidimensional” Marcuse se refere ao sociólogo americano Daniel Bell (1919- ). Este autor desenvolveu uma análise crítica das mudanças ocasionadas pela introdução da tecnologia na esfera do trabalho no livro “O Fim da Ideologia”, em especial no capítulo “O trabalho e seus problemas: o cálculo da eficiência”<sup>7</sup>. Ele mostra como que a nova racionalidade “provocou uma quebra abrupta com o ritmo do trabalho passado” (1980: 184). O seu texto é uma fonte detalhada e rica de dados relativos às mudanças realizadas na sociedade americana nos anos 60, contribuindo assim para formar uma imagem concreta do contexto em que Marcuse escreve sua crítica da tecnologia. Para ele os Estados Unidos “representam hoje [anos 1960], mais do que qualquer outro país, a *civilização da máquina*” (Bell, 1980, grifo meu).

Ao analisar a relação entre trabalho e tempo e as propostas de sua racionalização progressiva, Daniel Bell fornece um quadro interessante sobre a evolução das pesquisas de maximização das linhas de produção nas fábricas: ele mostra como, nos anos 20, o engenheiro Frank Gilbreth (1868-1924) avançou um “passo a mais” nas pesquisas iniciadas por Taylor. De acordo com suas idéias “não só o processo de trabalho com máquinas podia ser decomposto em elementos, mas o próprio movimento do homem podia ser *funcionalizado*, ordenando-se os movimentos naturais dos braços e pernas, de modo a maximizar sua eficácia” (1980: 188). Gilbreth “isolou dezoito modalidades básicas de unidades cinéticas – os movimentos de alcançar, mover, segurar, etc.” e, analisando suas combinações, criou os princípios da “economia de movimento”: “as duas mãos não devem permanecer ociosas ao mesmo tempo, exceto em períodos de descanso; os movimentos dos braços devem ter direções opostas e simétricas”, e assim por diante. Dessa forma, foi dado “um passo adicional na lógica inexorável da racionalização” (idem, ibidem). Ao longo dos anos 40 as pesquisas continuaram: “quase compulsivamente ... o engenheiro,

<sup>6</sup> Maar, Wolfgang Leo. *Ideologia, Tecnologia e “Grande Recusa”*: a atualidade de Marcuse. (s/ref.)

<sup>7</sup> Bell, Daniel. *O Fim da Ideologia*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

ultrapassando a simples decomposição do trabalho em componentes minuciosos, procura agora um sistema simples que abranja todo o relacionamento do tempo e da movimentação no trabalho humano – desde as vassouradas do servente que varre o chão até o ritmo da datilógrafa dedilhando o teclado da máquina elétrica” (1980: 191).

Ao analisar as consequências da automação da produção, onde as máquinas passariam a criar valor (isto é, o “trabalho morto” contido na máquina passaria a determinar o “trabalho vivo”), Marcuse se refere à concepção de “industrialização moderna” desenvolvida por Bell no relatório “*Automation and Major Technological Change*”, que é caracterizada por meio do vínculo entre a máquina e o trabalho, entre “modificação tecnológica” e “sistema histórico de industrialização”. Bell afirma que o significado da “industrialização não surgiu com a criação das fábricas, ‘surgiu da medição do trabalho’. É quando o trabalho pode ser medido, quando se pode prender o homem ao trabalho, quando se lhe pode atrelar e medir o seu rendimento ... se tem a industrialização moderna” (Bell apud. Marcuse, 1969: 46). Sobre o vínculo entre “modificação tecnológica” (máquina) e esfera do trabalho (indivíduo trabalhador) Marcuse afirma:

“No capitalismo avançado, a racionalidade técnica está personificada ... no aparato produtivo. Isso não se aplica apenas às fábricas mecanizadas ... mas também à maneira de trabalhar como adaptação ao processo mecânico e manuseio do mesmo, conforme programado pela ‘gerência científica’.” (Marcuse, 1969: 41)

As modificações introduzidas pelas inovações tecnológicas no modo de produção afetam não apenas o aparato produtivo mas no próprio trabalhador que se torna, assim, um mero apêndice, um “órgão”, um “autômato” da maquinaria. Esta consequência extrema e desvalorização total do indivíduo já havia sido assinalada por Marx. Nos “*Grundrisse*” (“Lineamentos fundamentais”, vol 2) Marx se refere ao modo como a introdução das máquinas modifica o processo produtivo, submetendo o processo produtivo ao capital. A última metamorfose do meio de trabalho quando assumido pelo processo produtivo da capital é a “máquina”, um “sistema de máquinas” que é movimentado por um “autômato”, uma “força motriz que se move se si mesma” (Marx apud. Napoleoni, 1981: 86)<sup>8</sup>. O operário aparece não mais como aquele que utiliza os meios de produção e os orienta para determinados fins, mas ele se torna o órgão de uma coisa que se move fora dele, de um sistema automático: “o meio de produção tornou-se um sistema de máquinas, que não é movido pela força humana” (idem, ibidem: 87). Segundo Marx:

<sup>8</sup> Napoleoni, Cláudio. *As Máquinas*, In *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981, p. 86-95. Os trechos comentados e discutidos por Napoleoni no que se refere à “máquina” foram tirados dos “Lineamentos Fundamentais” (*Grundrisse*), vol. 2, escritos 8 a 9 anos antes ao *Capítulo VI Inédito*.

*“A máquina não se apresenta, sob nenhum aspecto, como meio de trabalho para o operário individual. Sua diferença específica não é absolutamente, como no meio de trabalho, a de mediatizar a atividade do operário diante do objeto; mas, ao contrário, essa atividade agora é posta de modo que ela mediatiza apenas o trabalho da máquina, a ação da máquina sobre a matéria-prima – que ela vigia essa ação e evita suas interrupções.”* (Marx apud. Napoleoni, 1981: 87-8)

Este trecho é fundamental na concepção de Marx sobre a “máquina”. A questão colocada por Marx é a seguinte: em todas as tecnologia que precederam o capitalismo, em todas as tecnologias nas quais o capital ainda não interviu como elemento determinante, a relação entre o trabalho e o instrumento de trabalho se apresentava da seguinte forma: o instrumento de trabalho era o termo de mediação entre o trabalho e a natureza, ou seja, o trabalho agia sobre a natureza por meio instrumento de trabalho. O termo *inicial ativo* é o “trabalho”; o termo *final passivo* é a “natureza”; e o termo *intermediário* é o “instrumento”. Essa é a característica geral de todo o processo produtivo considerado pelo ângulo do processo de trabalho (Napoleoni, 1981: 88).

Com as “máquinas” essa relação é invertida – o instrumento não está mais em posição intermediária e, portanto, não desempenha mais a função de mediação. Essa função de mediação “é despejada sobre o operário” (a posição *intermediária* é assumida pelo “trabalhador”). Ou seja: a “máquina”, ou sistema automático de máquinas, é o ponto de partida *inicial* e *ativo* do processo e da relação. Esse sistema de máquinas atua sobre o objeto, sobre a natureza, e a relação das máquinas com a natureza é mediatizada pelo operário. Assim, **o operário, que estava na posição inicial ou ativa, se encontra agora em posição intermediária, instrumental – a denominação de instrumento de trabalho aplicada à máquina é imprópria, porque ocorre o inverso: foi o trabalho do operário que se transformou em instrumento desse “instrumento” [que é a máquina]** (idem: ibdem).

Em outras palavras: *a própria essência da tecnologia capitalista reside no fato de que é invertida a relação entre o trabalho e o instrumento*: enquanto inicialmente o instrumento é precisamente o instrumento em sentido próprio, agora *o trabalho que se torna o instrumento e o termo da mediação com o qual o sistema de máquinas* (que não está mais na posição de instrumento) *entra em contato com a coisa, com o objeto de trabalho, com o processo, com a natureza* (Napoleoni, idem: 88-9) – “a reificação torna-se efetiva e realizada na própria tecnologia produtiva” (idem: 89). Isso significa uma “revolução total no modo de produção” (idem: 82), uma “profunda transformação do processo produtivo” (Marx apud. idem: 88-9).

### **Herbert Marcuse crítico da técnica e da ciência: a “ideologia” da sociedade industrial**

Para Marcuse a sociedade capitalista contemporânea tende ao “totalitarismo” não pelo uso da força bruta ou de uma política terrorista mas em virtude do modo pelo qual ela organizou a sua base tecnológica – “totalitarismo” significa aqui um “sistema específico de produção e



distribuição”. A poder político se afirma pelo domínio sobre o processo mecânico e sobre a organização técnica do aparato. Nessa sociedade a “máquina” torna-se “o mais eficiente instrumento político de qualquer sociedade cuja organização básica seja o processo mecânico” (Marcuse, 1969: 25).

A máquina se torna o “mais eficiente instrumento político” em virtude do caráter “racional” subjacente a essa organização social, pois ela é mais produtiva e eficaz – a nova produtividade possibilitada pela mecanização dos meios de produção entrega mercadorias e satisfaz efetivamente necessidades. É justamente por isso, pelo elevado padrão de vida, que a sociedade consegue impedir a transformação – há uma perda da necessidade da transformação: “um padrão de vida crescente é o produto inevitável da sociedade industrial politicamente manipulada” (1969: 63). Entretanto, o “caráter irracional de sua racionalidade” mostra-se na combinação das características de “Estado de bem-estar” e “Estado beligerante”: essa sociedade só se mantém pela produção do desperdício, do obsoletismo planejado, pela manipulação dos desejos e necessidades (produção de “falsas necessidades”) e pela manutenção de uma sociedade de defesa permanente.

Nessa sociedade duas concepções centrais da teoria marxista parecem postas em questão: “alienação” e “ideologia”. Marcuse sugere que o conceito de alienação, segundo o qual os indivíduos não se reconhecem no produto de seu trabalho e onde a sociedade lhe aparece como estranha e exterior, parece se tornar problemático na sociedade industrial avançada na medida em que os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e que tem nela seu desenvolvimento e satisfação – e “essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade (...) O sujeito alienado é *engolfado* por sua existência alienada” (1969: 31). Os indivíduos se reconhecem e se satisfazem, encontram sua felicidade, em suas mercadorias (por exemplo, em seus automóveis). Ocorre aqui, segundo Marcuse, uma “absorção da ideologia pela realidade”, a realidade se torna auto legitimadora.

Entretanto, isto não significa que não haja mais “ideologia” – muito pelo contrário: a cultura industrial avançada é mais ideológica do que sua predecessora, pois a *ideologia encontra-se no próprio processo produtivo*. Nesta passagem Marcuse faz alusão ao texto de Adorno “Crítica cultural e sociedade”, onde ele desenvolve a idéia de que a ideologia se tornou a própria realidade. Seguindo esta linha de argumentação, para Marcuse a “ideologia está no próprio processo produtivo” e “esta proposição revela, de forma provocadora, os aspectos políticos da racionalidade tecnológica” (idem, 32). Marcuse revela a dominação objetiva subjacente ao processo de produção, a “base material da dominação ideológica” – mas ele vai além, ao apresentar também a dimensão subjetiva desta dominação objetiva. É nisto que constitui a novidade de sua crítica da tecnologia.

*“O aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz ‘vendem’ ou impõe o sistema social como um todo. (...) trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas atitudes intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes, ao todo. Os produtos doutrina e manipulam (...). Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as idéias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos e reduzidos a termos deste universo.”* (Marcuse, 1969: 32)

Nos capítulos 2, 3 e 4 da primeira parte de “O Homem Unidimensional”, a “Sociedade unidimensional”, Marcuse segue argumentando como esse universo unidimensional, que repele toda transcendência e alternativa histórica, se estabelece nas esferas da política, da cultura e da linguagem. O “fechamento do universo político”, ou “integração política”, se dá por uma intervenção no âmbito do trabalho que altera o caráter de oposição das classes trabalhadoras que deixam de constituir a negação do capitalismo e são assimiladas “confortavelmente” à ordem estabelecida. No âmbito da cultura a integração se estabelece por meio de uma incorporação dos “valores culturais” transcendentais e antagonísticos: ocorre uma “assimilação do ideal com a realidade”. Esse fenômeno de “absorção cultural” é justificado pelo progresso técnico: em virtude de uma satisfação material progressiva são efetuadas a conquista e a unificação dos opostos. E no curso desse processo ocorre uma crescente “dessublimação”, ou seja, uma satisfação sem mediação (e, portanto, diferente da “sublimação” que implica um adiamento da satisfação), pois essa sociedade satisfaz efetivamente e imediatamente as necessidades e esta satisfação obscurece a consciência dos antagonismos e conflitos, enfraquecendo a revolta e a rebelião por uma nova ordem social. Antes do advento dessa “reconciliação cultural” predominava uma “consciência infeliz” – “consciência infeliz do mundo dividido, as possibilidades derrotadas, as esperanças não concretizadas e as promessas traídas”. A racionalidade tecnológica destrói essa consciência e ocorre o predomínio de uma consciência conformista (a “consciência feliz”). No quarto capítulo Marcuse apresenta o “fechamento do universo de locução” por meio do predomínio de uma linguagem “operacional”, ou um “pensamento positivo”, que absorve todo elemento transcendente e negativo, em oposição ao “pensamento crítico e negativo”, e que será desenvolvido na segunda parte da obra.

Na segunda parte da obra, chamada de “Pensamento Unidimensional”, Marcuse dedica-se a mostrar “com mais clareza a extensão da *conquista do pensamento pela sociedade*”. No primeiro capítulo, o capítulo 5, ele apresenta sua definição de “pensamento negativo”; no capítulo 6 ele mostra como o pensamento negativo tornou-se positivo e como ocorreu o predomínio da racionalidade tecnológica como dominação; já no sétimo capítulo, ele apresenta o predomínio do pensamento positivo na filosofia da linguagem contemporânea (que para ele realizou uma “chacina empírica radical”).

O capítulo sexto nos parece ser o centro do argumento crítico de Marcuse e o ponto em que ele foi mais criticado. Este capítulo pode ser considerado a “Dialética do Esclarecimento” de

Marcuse. A tese de que a ideologia está no próprio processo produtivo conduz à idéia de que a técnica e a ciência se tornaram elas próprias ideológicas. Elas justificam e legitimam a realidade da dominação no capitalismo avançado. Marcuse identifica na origem do pensamento científico, remontando à Grécia antiga, o próprio conteúdo da dominação – dominação da natureza que possibilitou os instrumentos para a dominação dos homens – *a lógica formal é o primeiro passo na longa viagem até pensamento científico*. A explicação da natureza em termos de quantidade – a quantificação da natureza – que levou a sua explicação em termos puramente matemáticos, separou a realidade de todos os “fins inerentes”, separou verdade e bem, ciência e ética. Paradoxalmente, se só se conhece o mundo objetivo em termos de quantidades, ele se torna, quanto à sua objetividade, completamente dependente do sujeito que o apreende. E esse processo atinge sua “forma extrema” na filosofia da ciência contemporânea (a própria noção de uma substância objetiva que se opõe ao sujeito parece desaparecer). Para ele, a física quântica é o último estágio de desenvolvimento dessa forma de pensamento que se nega a questionar a existência mesma do mundo exterior e da natureza. Essa física chega a uma “concepção idealista de natureza”, ela se torna kantiana na medida em que só conhece os fenômenos e não as coisas em si. (É significativo o fato de Marcuse utilizar o exemplo da “física”, uma vez que a bomba atômica surgiu de um problema de física teórica. Marcuse afirma que não há separação entre ciência pura e ciência aplicada: *Uma relação mais estreita parece existir entre o pensamento científico e sua aplicação – uma relação na qual ambas se movem sob a mesma lógica e racionalidade de dominação*).

Em Marcuse toda transformação no sentido da emancipação deve pressupor uma transformação da base técnica em que se assenta a produção na sociedade assim como uma transformação da própria ciência (este teria sido o erro do socialismo soviético, que manteve a base técnica do capitalismo e seu caráter opressivo). Esse é o argumento controverso de Marcuse. Para ele, se houvesse uma mudança no sentido do progresso que partisse os laços entre a racionalidade da técnica e a racionalidade da dominação (exploração), haveria uma *mudança na estrutura mesma da ciência* – no projeto científico: “Sem perder o caráter racional, as hipóteses da ciência se desenvolveriam num contexto experimental diferente e, portanto, a ciência chegaria a conceitos de natureza essencialmente diferentes”. Marcuse chega a falar de uma “nova” ciência<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> A citação seguinte explicita a posição de Marcuse: “O que eu quero realçar é que a ciência, em virtude de seu próprio método e dos seus conceitos, projetou e fomentou um universo no qual a dominação da natureza se vinculou com a dominação dos homens – vínculo que tende a afetar este universo como um todo. (...) Assim, a hierarquia racional funde-se com a social e, nesta situação, uma mudança na direção do progresso ... influenciaria também a própria estrutura da ciência – o projeto da ciência. Sem perder o seu caráter racional, as suas hipóteses desenvolver-se-iam num contexto experimental essencialmente diverso (no de um mundo libertado), a ciência chegaria, por conseguinte, a conceitos sobre a natureza essencialmente distintos e estabeleceria fatos essencialmente diferentes.” (Marcuse apud. Habermas, 1997: 51)

Em “Técnica e Ciência como Ideologia” Habermas afirma que a consequência “extrema” dessa tese de Marcuse é que toda modificação “qualitativa” da sociedade torna-se dependente de uma prévia revolução nas ciências e nas técnicas, ou seja, de uma “nova racionalidade” – “*Marcuse tem diante dos olhos uma outra formação de teorias, mas também uma metodologia da ciência diferente em seus princípios*” (1997: 51). Esta “atitude alternativa” em relação à natureza é considerada por Habermas como hipotética, já que implicaria a modificação da própria natureza humana. Habermas escapa ao impasse da fusão entre técnica/ciência e dominação posto por Marcuse, e também por Adorno e Horkheimer, separando “trabalho”, que corresponde a ação racional teleológica, e “interação”, ação comunicativa, simbolicamente mediada. A mudança qualitativa da sociedade não dependeria de uma intervenção no âmbito da racionalidade instrumental, no âmbito das ciência e das técnicas que pairam transcendentemente sobre a sociedade, mas antes de uma interação, uma comunicação, livre de dominação e de uma formação da vontade coletiva livre do dominação.

Não entraremos a fundo nesta discussão. Queremos apenas apontar para a especificidade do modo como Marcuse aborda o tema da técnica e da tecnologia confrontando-o a posição de Habermas. Habermas descola a idéia da ciência e da técnica da base social – descola a racionalização do desenvolvimento do capitalismo; a ciência e a técnica aparecem como transcendentais. Desse forma, uma transformação social seria possível de forma gradual e reformista, em oposição a Marcuse que pensa numa ruptura e uma transformação “radical”.

Em uma entrevista a Habermas de 1977, quando questionado por este por que ele recorre sempre a pressupostos psicanalítico e antropológicos para apresentar a transformação da sociedade, Marcuse responde: “*Para que precisamos de uma revolução se não conseguimos um homem novo? Isto é algo que nunca entendi. Para que? Para um homem novo, naturalmente. Este é o sentido da revolução tal como Marx a viu*” (Marcuse apud. Habermas: 1975: 252)<sup>10</sup>. **Marcuse tem em vista uma “transformação radical do sistema de necessidades”.**

**A crítica da “máquina” como instrumento de controle também deve ser entendida neste contexto. Marcuse pensa na possibilidade de “nova” máquina: “o poder da máquina é apenas o poder do homem armazenado e projetado” (1969: 25) – e, enquanto “espírito coagulado”, a máquina não é neutra, ela é resultado de um projeto histórico específico que fez dela instrumento de dominação. A “razão técnica” é “razão política” e enquanto tal ela é “histórica”: pode ser transformada em sua estrutura – “enquanto razão técnica ela poderia ser convertida em técnica para a libertação” (Marcuse, 1998: 133-4).**

### **Bibliografia:**

<sup>10</sup> Habermas, *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa: biblioteca de filosofia contemporânea, 1997.

BELL, Daniel. *O Fim da Ideologia*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

HABERMAS, *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa: biblioteca de filosofia contemporânea, 1997.

KELLNER, D. O Marcuse desconhecido: novas descobertas nos arquivos. In Marcuse, *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 15-18.

MAAR, Wolfgang Leo. *Ideologia, Tecnologia e “Grande Recusa”*: a atualidade de Marcuse, s/ref. (texto inédito).

NAPOLEONI, Cláudio. As Máquinas, In *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. São Paulo:

MARCUSE. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MARCUSE. Industrialização e capitalismo na obra de Max Weber, In *Cultura e Sociedade*, vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARCUSE. Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna, In *Tecnologia, Guerra e Fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 71-104.

MUMDFORD, Lewis. *Técnica y Civilización*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

Livraria Editora Ciências Humanas, 1981, p. 86-95.